

A cidade ucraniana, berço da família Sinner, era, aos olhos dos seus habitantes judeus, formada de três zonas claramente distintas, como as que se vêem em certas pinturas antigas: em baixo, os réprobos, presos entre as trevas e as chamas do Inferno; no centro da tela, os mortais, iluminados por uma luz pálida e serena; e, no topo, os eleitos.

Na cidade baixa, à beira do rio, vivia o populacho, os judeus pouco recomendáveis, os pequenos artesãos, os locatários das lojas imundas, os vagabundos e montes de crianças a chafurdar na lama, de camisas esfarrapadas, enormes gorros nos pescoços magrinhos e longos caracóis negros, que só falavam ídiche. Muito longe dali, no topo das colinas coroadas de túlias, erguiam-se, entre as casas dos altos funcionários russos e as dos senhores polacos, algumas belas mansões que pertenciam a israelitas ricos. Tinham escolhido aquela zona porque ali se podia respirar ar puro, mas principalmente porque, na Rússia, no início do século xx, durante o reinado de Nicolau II, os judeus só eram tolerados em determinadas cidades, em certos bairros, em certas ruas e, por vezes, apenas de um lado da rua, enquanto o outro lhes estava interdito. No entanto, essas restrições só se aplicavam aos pobres: nunca se tinha ouvido dizer que nenhuma dessas regras, por mais apertada que fosse, tivesse resistido ao suborno. Os judeus faziam gala em desafiar-las, não por mero espírito de contradição ou por amor-próprio, mas para demonstrarem aos outros judeus que eram melhores do que eles, que tinham arranjado mais dinheiro, que tinham vendido a um preço mais vantajoso a beterraba ou o trigo. Era uma maneira prática de ostentarem a extensão da sua riqueza. Fulano tinha nascido no Gueto. Aos vinte anos, já tinha amealhado uns tostões: subia um degrau na escada social, pegava nos tarecos, mudava-se para longe do rio, e

instalava-se perto do mercado, na fronteira da cidade baixa; quando casasse, já estaria a viver no lado par (interdito) da rua. Depois, continuava a prosperar e mudava-se para o bairro onde, segundo a lei, nenhum judeu tinha o direito de nascer, de viver ou de morrer. Respeitavam-no; para os seus, era objecto de inveja e, ao mesmo tempo, um motivo de esperança, porque demonstrava que se podia trepar até tamanhas alturas. Com exemplos destes, a fome não tinha importância, o frio e a miséria não significavam nada, e, da cidade baixa, eram muitos os olhares que se erguiam para as frescas colinas dos ricos.

Entre estas duas zonas extremas situava-se uma zona intermédia, um clima neutro, que não favorecia nem a opulência nem a miséria, e onde coabitavam, sem grandes choques, burgueses russos, polacos e judeus.

No entanto, a própria cidade média estava dividida em pequenos clãs que se invejavam e se desprezavam reciprocamente. O estrato superior era constituído por médicos, advogados e administradores de grandes propriedades, enquanto a plebe vil era formada por lojistas, alfaiates, boticários...

Mas havia uma categoria social que fazia a ligação entre os diferentes bairros, ganhando duramente o pão a correr de casa em casa, da cidade baixa para a cidade alta. O pai de Ada, Israel Sinner, pertencia a esta confraria, a dos *maklers*, ou intermediários, cujo trabalho consistia em comprar e vender, por conta de outros, beterraba, açúcar, trigo, máquinas agrícolas e tudo o que se negociava na Ucrânia, embora, e dependendo das necessidades da clientela, se pudesse acrescentar à lista de mercadorias a seda e o chá, o *rahat-lokum*¹, o carvão, o caviar do Volga e a fruta vinda da Ásia. Estes comerciantes imploravam, suplicavam, denegriam a mercadoria do rival; queixavam-se, juravam falso e faziam uso de todos os recursos da imaginação e da dialéctica subtil para conseguirem uma encomenda. Eram reconhecidos pela rapidez com que falavam, pelos gestos, pela pressa (numa época e num país onde ninguém andava apressado), pela humildade, pela perseverança, e por muitas outras qualidades que lhes eram próprias.

Ada, ainda uma criança, acompanhava por vezes as voltas do pai, um homenzinho magro, de olhos tristes, que a amava e que se sentia reconfortado em andar com ela pela mão. Afrouxava o passo para não a cansar; debruçava-se com solicitude para lhe aconchegar o grosso xaile de lã cinzenta, que a menina usava sobre o seu velho casaco e sobre o pequeno gorro de tapa-orelhas de veludo castanho; punha-lhe a mão na boca para a proteger do vento de Inverno; nas esquinas, o

vento cortante parecia espiar os transeuntes para os esbofetear com uma ferocidade exultante.

— Tem cuidado. Não estás com frio? — perguntava-lhe o pai.

E dizia-lhe que respirasse através do xaile, para que o ar gelado aquecesse ao passar pela lã. Mas era impossível: Ada sentia-se a sufocar, e assim que o pai se voltava, fazia um buraquinho no xaile com as unhas e tentava apanhar os flocos de neve com a ponta da língua. Ia tão agasalhada que a única coisa que se via dela era um corpinho quadrado assente numas pernas fininhas e, de perto, entre o gorro escuro e o xaile cinzento, dois enormes olhos negros ampliados ainda mais pelas escuras olheiras, de olhar tão atento e assustado como o de um pequeno animal selvagem.

Tinha feito cinco anos há pouco tempo e já começava a observar o que a rodeava. Até então, tinha vagueado por um mundo tão desproporcionado em relação à sua débil pessoa que mal tinha consciência da sua existência: esse mundo não lhe interessava. Preocupava-se tanto com isso como se preocuparia, sem dúvida, um insecto escondido na erva. Mas agora tinha crescido e começava a descobrir a vida: aqueles gigantes imóveis nos vãos das portas com estalactites pendendo dos bigodes, que exalavam um hálito empestado de álcool (que, curiosamente, se transformava num jacto de vapor e, de seguida, em pequenas agulhas de gelo), eram homens simples, *dvorniks*, isto é, vigilantes de edifícios. Também se tinha familiarizado com outros seres cujas cabeças pareciam perder-se nas nuvens e que arrastavam atrás deles sabres reluzentes. Chamavam-lhes oficiais. Eram temidos, visto que o pai, quando os via, se colava às paredes para parecer ainda mais pequeno. No entanto, Ada acreditava, apesar de tudo, que eles pertenciam à comunidade humana. Há já algum tempo que se atrevia a observá-los. Alguns usavam uma capa cinzenta forrada de vermelho (o tecido escarlata, distintivo do posto de general, via-se quando subiam para um trenó) e outros tinham uma longa barba branca, como a do seu avô.

Na praça, parava uns momentos para admirar os cavalos, que no Inverno andavam cobertos com uma rede verde ou vermelha adornada de pompons, para que a neve que levantavam com os cascos não lhes caísse no corpo. Era aqui o centro da cidade; havia hotéis elegantes, lojas, restaurantes, luzes, bulício... Mas, logo a seguir, ela e o pai voltavam a entrar nas ruelas íngremes que iam dar ao rio, mal pavimentadas e iluminadas apenas por lampiões, até que finalmente paravam diante da casa de um eventual cliente.

Numa sala de tectos baixos, meio na penumbra e cheia de fumo, cinco ou seis homens cacarejavam como galinhas a serem degoladas. Tinham a cara vermelha e as veias da testa inchadas. Erguiam os braços para o céu ou batiam no peito, e gritavam:

— Que Deus me mate aqui mesmo se eu estiver a mentir!

E, às vezes, apontavam para Ada:

— Sobre a cabeça desta menina inocente, Deus é testemunha de que esta seda estava intacta quando a comprei! Que culpa tenho eu, um pobre judeu, para minha desgraça, e ainda por cima cheio de filhos, se pelo caminho os ratos lhe roeram um bocado?

Zangavam-se; iam-se embora; batiam com as portas; no umbral, paravam; voltavam. Fingindo indiferença, os compradores bebiam chá em grandes copos com pé de prata. Os intermediários (eram sempre cinco ou seis, que apareciam ao mesmo tempo quando lhes cheirava a negócio) acusavam-se mutuamente de enganos, de roubos, de vigarices e de crimes ainda mais graves, e pareciam prestes a devorar-se. Depois, tudo se acalmava: o negócio estava fechado.

O pai de Ada pegava-lhe na mão e saíam. Na rua, soltava um longo e profundo suspiro que terminava com um aceno de cabeça e com uma queixa surda e dolorosa: «Oh, meu Deus, Senhor!» Queixava-se tanto quando o *geschäft*² tinha fracassado e as semanas de conversações e de negociações tinham sido em vão, como quando tinha vencido os seus concorrentes. Tinha sempre de suspirar e de se lamentar: Deus, omnipresente e sereno, vigiava o homem como uma aranha no centro da sua teia, e estava disposto a castigá-lo se ele se mostrasse orgulhoso do seu sucesso. Deus estava sempre presente, diligente e zeloso; havia que temê-lo e, ao agradecer-lhe a sua bondade, devia evitar-se que julgasse ter cumprido todos os desejos do seu filho, para que não se cansasse, para que continuasse a protegê-lo.

Em seguida, iam a mais uma casa e ainda a outra. Às vezes, subiam até às mansões dos ricos. Nessas ocasiões, Ada esperava no vestíbulo, e ficava tão impressionada com o esplendor dos móveis, com o número de criados e com a espessura dos tapetes que nem se atrevia a mexer-se. Sentava-se na ponta da cadeira com os olhos arregalados e quase sem respirar. De vez em quando, beliscava a cara, para não adormecer. Por fim, regressavam a casa de eléctrico, em silêncio, de mãos dadas.

— Olhe, Simon Arkadiévitch — dizia o pai de Ada —, eu sou como aquele judeu que se foi queixar a um *zadik*, um homem santo, e pedir-lhe conselho para resolver a pobreza.

E Israel Sinner representava a conversa entre o pobre e o santo:

— «Santo homem, eu estou na miséria, tenho dez crianças para sustentar, uma mulher irritante, uma sogra com uma saúde de ferro, forte e com bom apetite... O que eu hei-de fazer? Ajude-me!» — E o santo homem respondeu-lhe:

— «Põe doze cabras em casa.»

— «O quê? Onde é que as vou pôr se já vivemos em cima uns dos outros como arenques num barril! Dormimos todos juntos num miserável enxergão. Nem conseguimos respirar. O que é que eu vou fazer com as cabras?»

— «Escuta, ó homem de pouca fé!» — respondeu o santo. — «Leva as cabras para casa e glorificarás o Senhor.»

— Ao fim de um ano, o pobre voltou.

— «Então, já estás mais feliz?» — perguntou-lhe o santo.

— «Mais feliz? A minha vida é um inferno! Se tiver de ficar com as malditas cabras, mato-me!»

— «Pois bem, agora vais livrar-te delas e desfrutarás a felicidade que já não conhecias. Sem as cornadas que davam e sem o seu fedor, a tua pobre cabana vai parecer-te um palácio. Neste mundo, tudo é relativo.»

— Então está a ver, Simon Arkadiévitch, eu também me queixava assim da Providência. Tinha de cuidar do meu sogro e de criar a minha filha. Matava-me a trabalhar e mal conseguia sustentá-los, mas suar em bica para ganhar um bocado de pão faz parte do estado natural do